

RAOOW



O JORNAL QUE APOSTA NA INTELIGÊNCIA DO JOVEM



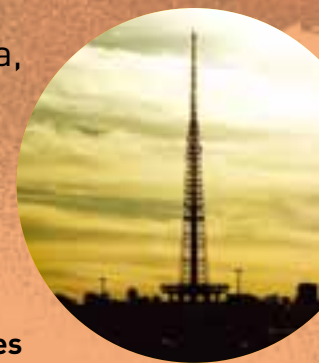
FUNDAÇÃO
ATHOS
BULCÃO

29

ANO XIV SETEMBRO 2010

100 MIL EXEMPLARES - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

“Eu sei que, segundo os inimigos de Brasília, a beleza passou a ser uma indignidade. Diante do belo, do simplesmente belo, rosnam: — “Fascismo! Fascismo!” E, no entanto, o paralelepípedo mais analfabeto teria vontade de chorar lágrimas de esguicho ante a beleza de Brasília.” **Nelson Rodrigues**



“Parece coisa de outro planeta”. Este foi o comentário do astronauta russo Yuri Gagarin ao visitar, no início da década de 1960, Brasília, a capital modernista recém-inaugurada no sertão bravo. Com o objetivo de recuperar o espanto em face da cidade futurista, o Radcal reuniu vinte estudantes inquietos do ensino médio para participar de uma oficina intitulada “Um outro olhar”. A garotada entrou em contato com textos essenciais, viu exposições, ouviu as provocações do poeta Nicolas Behr e viajou em uma aula-passeio conduzida pela Tríade Patrimônio Turismo Educação. O resultado é essa edição especial sobre Brasília como patrimônio cultural da humanidade, realizada com muito capricho, voos e paixão. É realmente um “outro olhar” sobre Brasília, driblando a visão chapa-branca projetada pela grande mídia. Só é possível preservar uma cidade que você ama. E isso só vai ocorrer se houver um forte investimento em educação patrimonial. Nós estamos fazendo modestamente a nossa parte. Claro que muita coisa mudou desde o olhar maravilhado de Gagarin. Mas, apesar dos desmandos, das contradições, da especulação imobiliária e da onda de corrupção, Brasília, patrimônio cultural da humanidade, permanece uma metáfora do que o Brasil deveria ou poderia ser.

SEJA RADCAL!

Para conferir tudo o que rolou, é só acessar o site www.jornalradcal.com.br. Aproveite e participe da produção do jornal. Você pode contribuir de diversas formas. Envie textos, poesias, letras de músicas, desenhos, fotografias, vídeos, dicas de eventos culturais... Vale lembrar que o *Jornal Radcal* é um projeto de educomunicação que acredita na inteligência e no potencial criativo do jovem. Ah, aproveite e fique sabendo em primeira mão tudo o que rola no Distrito Federal e no resto do Brasil. Ufa! Com esse tanto de informação, só resta mesmo curtir a edição e aproveitar cada linha, preparada com muito amor e carinho, especialmente pra você! Valeu!

AOS PROFESSORAS

A equipe pedagógica do *Jornal Radcal* produziu um Guia do Educador on-line com planos de aula e sugestões de como utilizar o jornal em sala de aula. Acesse www.jornalradcal.com.br, baixe o guia e conte pra gente como foi a aula.

PAINEL DE AZULEJOS DA TORRE DE TV - ATHOS BULÇÃO



Conselho Editorial Jovem do Jornal Radcal



Siga-nos no twitter: @jornalradcal



O Jornal Radcal garante a igualdade entre os gêneros na sua linguagem. Onde se lê “pioneiro” ou “pioneiros”, leia-se também “pioneira” ou “pioneiras”, o que vale para todos os substantivos e adjetivos com variação de feminino e masculino.



Você pode copiar, distribuir, exibir e executar o conteúdo do Jornal Radcal à vontade. Basta dar o crédito pra gente!



FUNDAÇÃO
ATHOS
BULÇÃO

Organização da Sociedade Civil de Interesse Público | OSCIP
Processo MJ 08071.001043/2005-01

Certificado dos Direitos da Criança e do Adolescente do Distrito Federal
Registro: 039/2005

www.fundathos.org.br
fundathos@fundathos.org.br

PRESIDENTE
Orlando Vicente Antônio Taurisano

VICE-PRESIDENTES
Natanry Ludovico Osório
Lea Emília Braune Portugal

SECRETÁRIA EXECUTIVA
Valéria Maria Lopes Cabral

COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA FINANCEIRA
Rosanilha Martins

COORDENAÇÃO DE PESQUISA E PROJETOS
Carla Queiroz

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO E JUVENTUDE
Ionara Talita Silva

ASSISTENTE DE COORDENAÇÃO
Rosivalda Santos

SECRETÁRIA
Sara Tauene Nascimento

MOTORISTA
Olegário Silva Ribeiro

CONSELHO CURADOR
Alik Beatrice Victoria Weiller Corrêa do Lago,
Cláudia Maria Alves Pereira, Grace Maria Machado de Freitas, Daniel Mangabeira da Vinha

CONSELHO FISCAL
Murilo Alves Nunes, José Roberto Furquim,
Frederico Henrique Viegas de Lima

RADCAL | 29ª EDIÇÃO

COORDENAÇÃO EXECUTIVA
Ionara Talita Silva

EDITORES
Severino Francisco e Ionara Talita Silva

PROJETO GRÁFICO E EDIÇÃO DE ARTE
Marcelo Terraza <Artwork Design Gráfico>

ARTE-EDUCADOR
Glauber Coradesqui

COLABORADORES
Priscilla Borges, Juliana Andrade, Fernando Villar, Daria Volante, Nicolas Behr e Lana Guimarães

COORDENAÇÃO CONSELHO EDITORIAL JOVEM
Silvia Bertoldo Guerreiro
Marcos França

CONSELHO EDITORIAL JOVEM | 29ª EDIÇÃO
Arthur Gonçalves, Colégio Dromos | Bruno dos Santos, CEM Elefante Branco | David Ferreira, CEM 417 Santa Maria | Débora Barbosa, CED 04 do Guará | Gabriel Marcos da Silva, CEM Setor Oeste | Guilherme Pereira, Jessyca Oliveira, CEM 304 de Sambaíba | Joyce Nunes, CEM Setor Oeste | Lara Helena, CEM Setor Oeste | Leonardo de Bustamante, CEM Asa Norte | Luiza Reis, Colégio Dromos | Márcia Pinho, CEM 01 São Sebastião | Nailton Alves, CEM 01 Núcleo Bandeirante | Paulo Cesar Bastos, CEMEIT Taguatinga | Pedro Henrique Costa, CED 04 Sobradinho II

FOTOGRAFIA E PESQUISA DE IMAGENS
Thiago Sabino

REVISÃO
Duda Costa

AGRADECIMENTOS
Wanderson França, Diego Bresani, Pedro Camargo, Mayara Oliveira, Patrick Grosner, Arquivo Público do DF, Cristovam Buarque



O *Jornal Radcal* é uma realização da Fundação Athos Bulcão com apoio da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, pelo convênio nº 63/95, para distribuição gratuita de 100 mil exemplares em sala de aula a todos os estudantes das escolas públicas de ensino médio.

APOIO

Ministério da Cultura



PARCERIA

unicef



Governo do Distrito Federal
Secretaria de Estado de Educação do DF



CONSULTORIA

tríade
patrimônio turismo educação

F A C U L D A D E D E A R T E S D U L C I N A D E M O R A E S

PAIXÕES FULMINANTES

FERNANDO VILLAR

cássia e
eugênia

vam 'Lakme' de Deliber com primeira e segunda vozes. Tantas e uma, sem deixar de serem duas.

Malharam dureza juntas, na primeira quiti na Asa Norte, nos céus arranhados de Sampa ou nos ritos cariocasshh. Chicão, obra maior da dupla, da mãe e da mãinha. Na dor da perda paterna do filho, o amor delas renovado por ele em outra dimensão e intensidade. Ele com duas mães como as duas, sorte por um tempo de vida. Depois, a mãe e o filho juntos, sem o maior amor da vida deles. Hoje no duplex no Cosme Velho, compra de fase mais segura do casal, não sei se uma ainda espera a outra descer pela escada em espiral na sala. Na dor sem cicatriz da perda, Eugênia teve que passar por batalhas em que o filho, arte maior da dupla, amor incondicional, a sanidade mental e afetiva deles, o instinto da leoa dela, interesses monetários de outros, tudo estava em jogo vertiginoso assustador. Como antes, a mudança radical mais uma vez veio sem

bandeira, holofote, máscara ou nhem-nhem: outra rotina nova, carinho pro Chicão sempre, foco e a aprovação no concorrido concurso. É pesquisadora ativa em instituição nacional de saúde e leva Mestrado na FIOCRUZ no Rio.

Eugênia permanece única, forte pelo filho Francisco, sobrinho nosso, jovem sagaz sangue bom, que te espelha os olhos da outra mãe sem perder o cool moleque low profile antenado da mãe, olé! Se o toureiro sai por puerta grande após uma performance fera, Cássia saiu por puerta enorme com a guarda do Chicão para Eujas, modificando uma legislação ultrapassada em um país conservador, que demora para lidar com outros parâmetros de família. Escrever sobre elas é assumir a impossibilidade de descrever um grande amor, como tantos outros e como nenhum outro igual. O par era ímpar. Gargalhadas felizes, pas-de-deux afetuoso, música e calor, amor. Cássia e Eugênia.

Fernando Villar é professor do Departamento de Artes da Universidade de Brasília, autor, diretor de teatro e testemunha do amor de Cássia e Eugênia.

Cássia e Eugênia. Uma estava conquistando o público da noite brasiliense, depois de ralar em Porgy and Bess, bandas mis, musical do Oswaldo Montenegro, shows irados e umas duas relações amorosas fortes. A outra já tinha passado pra Medicina na UnB, trocado por Letras, estrelado uma Mãe Ubu anárquica e casado sete anos felizes com nosso queridão Jean Claude. As duas amavam os Beatles, a Banana e os Stones, The Clash, o Beirute e o Bom Demais, Nina Simone, Vidas Erradas, Elder, Iaci, Tânia F., Stella, Daniela, Tilike e Aninha, Adriana, La Trajano, Caetano, The Hunger, a Barraginha e Arnaldo Batista, entre otros y otras. Canta-

INVENÇÕES MODERNISTAS



A curva barroca

Ao aterrissar em Brasília, o russo Yuri Gagarin, o primeiro homem que viajou para o espaço sideral, afirmou: “Parece coisa de outro planeta”. E, de fato, Brasília parece uma cidade intergaláctica das histórias em quadrinhos de Flash Gordon. Só que, em um voo de audácia modernista, o arquiteto Oscar Niemeyer introduziu a elegância, a sensualidade e a surpresa da curva brasileira na monotonia da linha reta que dominava a arquitetura moderna internacional. O desenho simples dos prédios de Niemeyer é inspirado nas curvas das montanhas, dos rios e das formas da mulher brasileira. É impressionante como isso imprime a sensação de leveza no concreto. Os edifícios de Niemeyer parecem em permanente preparação para alçar voo.

Integração arte-arquitetura

O arquiteto Oscar Niemeyer e o artista plástico Athos Bulcão formam uma dupla tão afinada quanto a do cineasta Federico Fellini e do músico Nino Rota ou a de Romário e Bebeto no ataque da seleção brasileira. Athos não enfeitou nenhum monumento. As suas intervenções integraram-se de uma maneira tão orgânica à arquitetura de Niemeyer que se tornaram indivisíveis. Ele recriou a tradição do azulejo em uma perspectiva moderna, utilizando formas geométricas em combinações que aliam a lógica e os lances do acaso. O azulejo tem a função de imprimir leveza, arejamento e sensação de luz nos ambientes. Athos humanizou o concreto e driblou a lógica racional do modernismo, imprimindo um toque de elegância, espírito lúdico, fantasia e delicadeza em parlamentos, tribunais, igrejas, hospitais, rodovias, edifícios residenciais e parques da cidade.

A escala íntima das superquadras

Brasília é uma invenção da modernidade. O que diferencia a modernidade em relação aos tempos antigos é o advento do sujeito, da pessoa, do indivíduo como uma referência fundamental. A dimensão subjetiva do indivíduo passa a ser um fator fundamental na definição do convívio entre as pessoas. Como Brasília se insere nesta perspectiva? Segundo o arquiteto Matheus Gorovitz, coautor do livro **A invenção da Superquadra**, a grande contribuição de Lucio Costa em Brasília foi ter concebido a superquadra como um projeto em que a escala residencial, doméstica, a escala íntima, o território da pessoa, passa a assumir uma importância que equivale às outras escalas, como a monumental: “Isso nunca ocorreu em nenhum outro lugar do mundo”. Ou seja: ele fez uma cidade que não é hierarquicamente estruturada, como é o caso de Paris ou Washington, comenta Gorovitz. Em Paris, o Arco do Triunfo é um foco para onde convergem todas as vias. Em Brasília, Lucio Costa fez isso com tamanha sensibilidade que colocou um centro sem presença emblemática. “Ele criou um centro no Eixo Monumental que se confunde com o sistema viário”. Em Brasília, a cidade é considerada uma obra de arte, é um fato estético: “A cidade é utópica, é pensada como deveria ser, por isso mesmo é tão agredida”, comenta Gorovitz. “Porque no Brasil se confunde o público com o privado e isso é uma catástrofe social.”



Confira alguns traços que distinguiram Brasília como uma referência internacional de arquitetura e urbanismo



A liberdade dos pilotis

→ Guilherme Pereira, 22

Ao olhar para os pilotis, quando era criança, ficava me perguntando: como é que um prédio deste tamanho consegue ficar em pé com estas “varetinhas” bem fininhas? Por que será que elas não quebram? Isso era nas poucas vezes em que eu podia ter a oportunidade, quando ia com a minha mãe para o trabalho dela, que era empregada doméstica na 402 sul. Em Brasília, é possível se movimentar em qualquer direção, pois, diferentemente do que ocorre em outras cidades, a base de sustentação dos prédios é aberta e não fechada pelo concreto ou por grades de proteção. Brasília permite tamanha liberdade de movimento porque os seus blocos residenciais têm como base de sustentação pilares batizados de pilotis, uma das invenções modernistas brasileiras incorporadas à cidade. Eles estão nos prédios residenciais e no Palácio da Alvorada. A técnica moderna dos pilotis já estava presente no edifício do Ministério da Cultura, no Rio de Janeiro, projetado pelo arquiteto Lucio Costa, com assessoria do papa da arquitetura modernista, o francês Le Corbusier. Os pilotis imprimem uma sensação de leveza à edificação, liberam o espaço térreo, soltam o abrigo do chão, permitindo a liberdade de trânsito das pessoas.



Unidade de vizinhança

Sempre tive uma curiosidade e uma vontade de viver em uma superquadra. No entanto, eu somente a olhava de longe, vendo-a através de uma janela de ônibus. A unidade de vizinhança que eu conhecia e convivia estava muito longe daquilo. Brincar na rua, nem pensar, pois poderia ser atropelado. O planejamento urbano da minha unidade foi feito de qualquer maneira, deixando estas “coisas de rico” em segundo plano. Não havia parques ou espaços de convivência. A minha mente de criança não conseguia entender porque a minha cidade não poderia ser bonita como esta que eu via no centro de Brasília.

Só muito mais tarde fui saber que o conceito de Unidade de Vizinhança havia sido formulado pela primeira vez pelo urbanista Clarence Arthur Perry, no início do século 20. A ideia era que os moradores pudessem viver perto uns dos outros, sem a interferência das pistas de tráfego cortando o espaço dos habitantes. O conceito chegou a ser aplicado em Barcelona e outras cidades. Mas, em Brasília, ele ganhou um destaque pela própria estrutura da cidade modernista, planejada em todos os detalhes.

As superquadras 107/108 Sul são os melhores exemplos de um local onde você pode morar, ir para a escola, fazer compras ou ir à igreja, como se fizesse tudo isso no quintal de casa.

DICA

Superquadra é uma banda de rock tipicamente brasiliense. Com letras cinematográficas e com fortes referências visuais, a Superquadra tem uma relação íntima com o cinema da cidade e apresenta um misto de pop estrangeiro e brasileiro, sem cair em ciladas regionalistas. A sonoridade é puro *space dance*, construída a partir de *grooves* hipnóticos, intercalada com baladas sutis, intimistas e delicadas. As letras são urbanas, ambíguas e poéticas, nitidamente inspiradas em Brasília, surgindo daí uma proposta musical que brinca com todas as formas de entretenimento, som e imagem. O grupo lançou recentemente o CD “Tropicalismo minimal”. Para ouvir e baixar as músicas:

→ www.lastfm.com.br/music/Superquadra



OS CRIADORES DE BRASÍLIA...

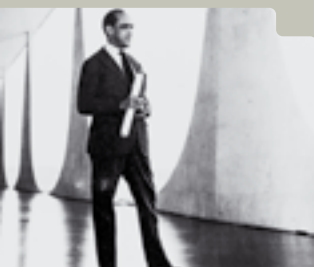
SEVERINO FRANCISCO, EDITOR DO RADCAL, A PARTIR DE VERSOS DE ROGÉRIO MIRANDA, 16 (CEM STELLA DOS CHERUBINS DE PLANALTINA, DF)



Lucio Costa

Filho de um baiano com uma amazonense, Lucio Costa foi educado na Europa, mas o fato de ser um cidadão do mundo tornou-o ainda mais brasileiro. Aos 14 anos, mudou-se para o Brasil e abraçou-se para sempre.

Ao desenhar o traçado urbanístico de Brasília, concebeu a capital modernista com a figura da cruz de quem toma posse do território, mas a cruz decolou na forma simples de um avião com asas, eixos, eixinhos e superquadradas, monumental e bucólica, concisa e derramada. Ele era um humanista, transformou a mirada lírica em escala arquitetônica e urbanística.



Oscar Niemeyer

Este carioca audacioso imprimiu na dureza do concreto a leveza e a surpresa da curva barroca brasileira, quebrando a monotonia da linha reta da arquitetura internacional modernista.

Os monumentos de Niemeyer têm algo de uma folha seca do Didi ou das montanhas cariocas ou do corpo da mulher amada. Oscar trouxe um pouco da elegância da Bossa Nova do Rio de Janeiro para os sertões bravos. Quando viam os seus desenhos, os engenheiros torciam o nariz: "é inviável". Mas, com ajuda do calculista-poeta Joaquim Cardozo, ele construiu monumentos espectrais que parecem naves espaciais pousadas nos descampados do planalto em permanente ensaio de voo. Ao chegar a Brasília, o arquiteto francês Le Corbusier, o papa da arquitetura modernista, deve ter ficado tão desconcertado quanto se tivesse levado um dribble de Garrincha ou Robinho.

Athos Bulcão

Athos tinha nome de mosqueteiro, nunca esgrimiu com espadas, mas era delicadamente rebelde, só fazia o que lhe dava na veneta.



Era um carioca elegante, espiritualmente elegante, que se apaixonou por Brasília desde o instante em que entrou em contato com a paisagem áspera e as noites de céu azul tão próximo, pontilhadas de estrelas.

Ele trouxe para Brasília um pouco do que havia de melhor no

modernismo brasileiro.

Com Niemeyer formou uma dupla tão afinada quanto Federico Fellini e Nino Rota ou Bebetto e Romário.

Insinuou um toque de brincadeira de criança na sisudez da arquitetura modernista, que ficou mais leve, agradável, habitável e bonita. Os seus jogos geométricos têm algo da alegria de festa popular brasileira. Por onde passou, deixou um toque de bom gosto, elegância e requinte. Embora abstratos, seus azulejos fixaram nas paredes as noites azuis cravejadas de estrelas, a terra esturricada do cerrado e os matizes dos céus de Brasília.

Roberto Burle Marx, o visionário

Certas paixões começam ainda na infância, e a sua foi assim também. Sua mãe, nele despertou

o amor pela música e pelas plantas.

As plantas então viraram seu projeto de vida. Mais que projetos, ele transformou os jardins em pinturas vivas, instalações orgânicas, obras de arte para ver e habitar.



"Chega de jardins de cunho europeu, viva a beleza brasileira, vamos semear o mandacaru, a vitória-régia e a bananeira!" Certas paixões começam na infância e logo têm seu fim. As dele foram diferentes, continuam vivas depois da morte em cada jardim.

... E AS CRIADORAS

Embora não tenham tido destaque na história de Brasília, muitas mulheres contribuíram com a construção da cidade, de diversas maneiras. O Jornal Radcal não poderia deixá-las de fora e preparou uma super-reportagem com as "Criadoras de Brasília", mulheres anônimas, esquecidas pela história e que, assim como os homens, foram fundamentais na construção da nova capital. Acesse o site www.jornalradcal.com.br e confira histórias emocionantes com as Marias, Anas, Carlas, Judites, Franciscas e Saras que ajudaram a levantar Brasília, e das Ellens, Julianas, Jaquelines e Marianas que estão transformando a cidade.

Ainda menino, ouvi dizer que em Brasília os postes não tinham fios. Imaginei logo uma cidade subterrânea, cheia de tomadas, circuitos elétricos e fios. E é nessa cidade subterrânea, à qual dei o nome de Braxília (com “x” mesmo), que sobrevivo. Essa Brasília não oficial, não cartão-postal.

Nunca pensei que uma cidade, subterrânea ou não, fosse me traumatizar tanto a ponto de eu me transformar em poeta. Mas foi um trauma bom, que resultou em versos.

A poesia foi a forma que encontrei, adolescente e cheio de dúvidas, para dialogar com esta cidade recém-inaugurada em mim. O “decifra-me ou te

E aos poucos eu começava a me entender com a cidade, mesmo sem entendê-la. E isso vale até hoje: no dia que eu entender esta cidade, minha poesia (e eu) morrerá. Porque a busca é mais importante que o encontro, e a pergunta mais importante que a resposta. Que cidade é essa, meu Deus?! Já é uma cidade ou é apenas uma

DO MATO PARA A MAQUETE

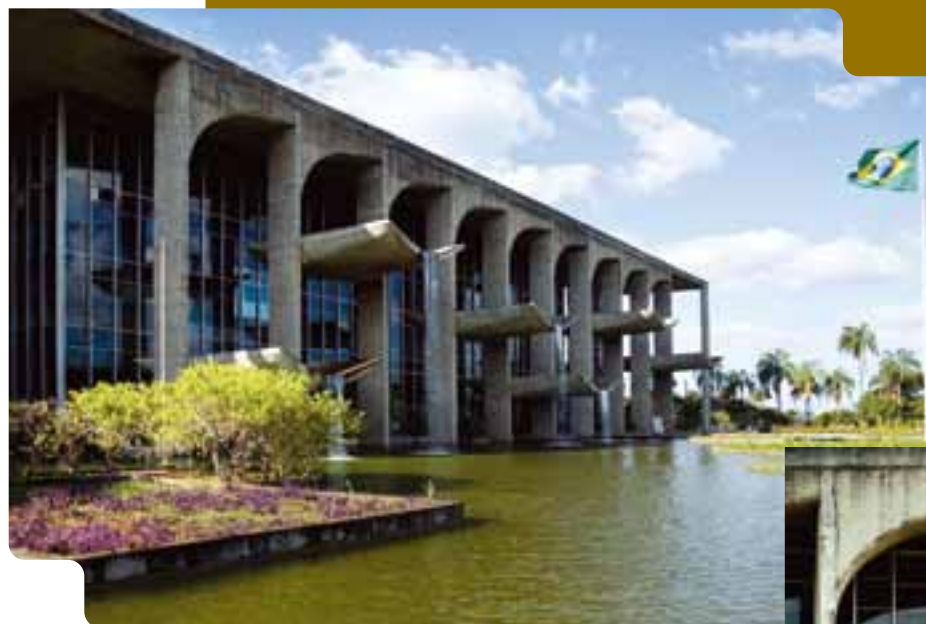
devoro” já me espreitava em cada superquadra. Comecei a escrever, freneticamente. Isso lá pelos anos de 1975, 76, eu com 15, 16 anos. Dois desafios claros: Brasília e a adolescência. Quem cair primeiro acenda a luz. Não foi fácil. E vou dizer algo que pode parecer dramático, e é.

Se não fosse a poesia me acontecer nessa época, hoje você não estaria lendo esta linha. Comecei a publicar. Em mimeógrafo mesmo, livros bem toscos e uma poesia mais tosca ainda. Mas era a minha poesia, e eu resolvi brigar por ela. Pelo meu direito de escrever aquilo e chamar de poesia. logurte com Farinha, 1977. Vendia os livrinhos em bares, portas de cinema, teatros. Onde houvesse gente reunida. Ônibus. Páginas de um livro bom.

ideia modernista com gente dentro? Hoje, Brasília já é uma cidade orgânica, um esqueleto com carne. Mas antes era artificial, inóspita, agressiva. E nós, a rapaziada, resolvemos descer dos blocos e vestir a camisa: nós amamos esta cidade. E Brasília transformou-se em musa, na poesia, na dança, no cinema, no teatro. Brasília era objeto cobiçado pelas nossas mentes.

Concertos Cabeças. Onde toda a nossa revolta e alegria desaguavam no último domingo do mês nos fundos da comercial da SQS 311 Sul. Ocupar o quintal coletivo da superquadra. Transformar a “urbs” em “civitas”, como dizia Lucio Costa. E acredito que esse movimento todo foi importante para a fixação de Brasília como uma cidade real. A maquete cotidianamente humanizada.

Nicolas Behr é o “poeta que engoliu Brasília” e que melhor soube transformar a cidade em poesia.



NICOLAS BEHR



MONUMENTOS MODERNISTAS

UM OUTRO OLHAR

O **Radcal** fez uma seleção de belíssimas imagens para você conhecer Brasília sob uma perspectiva surpreendente.

A Igrejinha e as igrejonas

→ Arthur Gonçalves Pereira, 15 anos
Colégio Dromos

A Igrejinha da Entrecquadra 307/308 já surpreende do lado de fora, pois tem a forma de uma cabeça de freira e traz um painel de Athos Bulcão, representando o Espírito Santo e a Estrela Guia. Entrar na Igrejinha Nossa Senhora de Fátima é uma sensação gostosa, de acolhimento e de aconchego, como se estivéssemos entrado em uma festa de São João no céu. A santa e as pinturas do Galeno – que substituíram os originais do artista Alfredo Volpi – nos envolvem em um ambiente de alegria. É um antídoto para as ideias de penitência, opressão, fraqueza e tristeza presentes nas igrejas góticas. Nós temos a Igrejinha, que traz conforto e alegria. E deixe a “Igrejona” para quem quer a “Igrejona”: uma instituição falida e retrógrada.



THIAGO SABINO



ARQUIVO DA FUNDAÇÃO ATHOS BULCÃO

Meninos escalam a pirâmide

A cidade futurista tem alguns aspectos que evocam os monumentos ancestrais do Egito e do México. O arquiteto Oscar Niemeyer concebeu o Teatro Nacional Claudio Santoro como uma gigantesca pirâmide de concreto e pediu ao artista plástico Athos Bulcão que fizesse uma intervenção na obra: “Faça algo que dê a impressão, ao mesmo tempo, de solidez e leveza”. O monumento muda de aspecto conforme a incidência da luz do sol. Ele intimida pela grandeza e imponência. Mas não as crianças, que não se intimidaram, subiram, brincaram e se divertiram nos blocos, para a alegria de Niemeyer e Athos.

A Catedral Rosa

Reza a lenda que o Planalto Central costuma ser aeroporto de discos voadores. Em 28 de junho de 2006, Dia do Orgulho Gay, a Catedral de Brasília, um dos mais inspirados monumentos concebidos por Oscar Niemeyer, anoiteceu transfigurada por uma luz rosa. Mas não se tratava de nenhum ataque de seres extraterrestres. A Catedral Rosa foi uma intervenção idealizada por Fábio Baroli e Suzanna Aune e realizada com a colaboração de um grupo de amigos. Eles modificaram a iluminação da Catedral por meio de interferências nos refletores do monumento, com todo o cuidado para preservar a sua estrutura física.



WANDERSON FRANÇA

Floresta no concreto

A Floresta Amazônica domada para conviver harmonicamente com as audácias modernistas da arquitetura. É esta a impressão que se tem ao avistar o Palácio do Itamaraty, um dos mais inspirados exemplos de integração entre arquitetura, arte, paisagismo e ecologia. Os espaços vazados de Oscar Niemeyer, as treliças de Atheros Bulcão e as extravagâncias barrocas dos jardins de Burle Marx, em conexão com a água, provocam uma sensação de voo modernista e aterramento tropical na mata selvagem. Tanto que é preciso um barquinho para que o funcionário cuide dos jardins de Burle Marx, como se estivesse na Floresta Amazônica.



ONIRYS ODVYIL



THIAGO SABINO

Curvas barrocas do Congresso

Oscar Niemeyer escreveu um poema afirmando que sua arquitetura é inspirada na curva das montanhas, dos rios e da mulher brasileira. A estrutura da cúpula do Congresso Nacional parece a de dois pratos, um virado para cima e outro virado para baixo. Esta colagem reinstala a surpresa e a sensualidade da curva brasileira.

Museu da República

Em razão da proximidade com a rodoviária, o Museu da República tornou-se rapidamente um dos locais mais populares da capital. É comum ver famílias inteiras das cidades-satélites apreciando exposições de arte conceitual. E começam a surgir também grupos de intervenção cênica que concebem as suas performances especialmente para a arquitetura da cidade espacial.



DIEGO BRESANI

PATRIMÔNIO DE TODOS, CONHECIDO POR POUCOS

Especialistas lamentam que a educação patrimonial não faça parte dos currículos escolares. Projetos ensinam crianças a olhar Brasília de um modo diferente

Victor Hugo Santos Oliveira, de apenas 11 anos, aprendeu a olhar Brasília de uma maneira diferente. Hoje, procura em prédios, igrejas e paredes da cidade obras de arte. Victor encantou-se com o projeto Circuito Athos Bulcão, promovido pela Fundação Athos Bulcão – um dos poucos que explora o conceito de educação patrimonial em Brasília –, no qual uma exposição de quinze serigrafias com as principais obras do artista é levada ao colégio e discutida com as crianças.

Desde 2001, 32 mil estudantes aprenderam a reconhecer os trabalhos de Athos espalhados pela cidade. Descobriram também que a arte está mais próxima deles do que imaginam. Tudo por causa do projeto da fundação. “Olho sempre as obras dele e fico pensando no que ele queria dizer”, reflete Victor, falando com jeito de adulto.

O mais importante, porém, é que, depois de aprender que há um grande patrimônio cultural espalhado pela cidade, as crianças querem preservar esses bens para as próximas gerações. Os especialistas defendem que experiências como essa deveriam se tornar rotina nas escolas. Mas, infelizmente, elas ainda são pontuais, partindo especialmente da iniciativa de profes-

sores preocupados com o futuro da cidade.

O professor Rinaldo Paceli, do Centro de Ensino Fundamental 08 de Taguatinga, criou em 2003 a atividade que chama de “Escola peripatética: educação patrimonial; Brasília – museu e arte a céu aberto”. Vencedora do Prêmio José Aparecido de Oliveira em 2007, cujo objetivo é incentivar e reconhecer ações de preservação de Brasília como patrimônio histórico, a iniciativa foi incluída na 8ª Semana de Museus. Além das explicações teóricas feitas em aulas ou palestras, o professor promove um grande passeio pelos pontos turísticos e monumentos da cidade.

Paceli tem certeza, assim como os professores que encaram o desafio de apresentar outra Brasília (de história, arte e beleza, não só política) a seus alunos, de que os participantes

dessa experiência iniciam uma relação de respeito, proteção e compreensão com a cidade. “Com certeza esse tipo de projeto faz as crianças criarem outro vínculo com Brasília”, destaca Neide Dantas, coordenadora pedagógica da Escola Classe 45 de Taguatinga.

Valéria Cabral, secretária executiva da Fundação Athos Bulcão, lamenta que a educação patrimonial ainda não seja uma preocupação de governos, organizações não governamentais e movimentos sociais. “É preciso dar mais apoio a isso. Quando a criança percebe o grande patrimônio que é de todos, cria uma relação de pertencimento com a cidade. Torna-se sensível à arte e quer preservá-la”, afirma.

POR **PRISCILLA BORGES**

Conheça mais a história e os projetos desenvolvidos pela Fundação Athos Bulcão no site www.fundathos.org.br.

ENTENDER O PASSADO PARA CONSTRUIR O FUTURO

O sentimento que leva as pessoas a saírem da sua individualidade, a se reconhecer em algo que as abrange, que representa também a coletividade, é um processo que nasce da consciência de uma forte identidade cultural.

Sempre fui acostumada a refletir sobre a preservação dos monumentos. Nasci e cresci na Itália, país que, como todos sabem, tem o patrimônio cultural enraizado e protegido por gerações e gerações, mas que nunca considerou o patrimônio moderno do mesmo jeito que considera o antigo.

A primeira coisa que percebi ao chegar a Brasília, em relação ao seu tombamento como Patrimônio Cultural da Humanidade, foi um sentimento de estranheza cultural, de não-identidade por parte das pessoas que nasceram e vivem aqui. Essa concepção bate fortemente em oposição à minha cultura, amarrada na sua história antiga e que desenvolveu uma diferente concepção preservativa. Todo italiano já nasce com a interiorização natural a respeito do patrimônio, independente do contexto sociocultural.

Acredito que o objetivo de “cuidar” do patrimônio seja manter o contato direto com as próprias origens, para se sentir parte de uma coletividade por meio das obras que ela mesma produziu. Seja qual for o campo de aplicação, analisar o passado impede-nos de cometer os mesmos erros no futuro, e, por isso, o passado jamais deverá ser esquecido. Brasília terá de construir sua própria história para que o passado sobreviva até o futuro e para que o futuro tenha um passado para ser contado.

Daria Volante → 25

Estudante de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília

OLHAR O PATRIMÔNIO PELA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

“Em um momento em que a modernidade devora a memória, é fundamental que a educação patrimonial seja inserida na prática pedagógica do ensino formal”.

Os patrimônios culturais são guardiões da história das cidades e das pessoas. Para conhecê-los, é necessário saber o que contam através do tempo e do espaço. E também o que significam hoje. Afinal, os bens patrimoniais representam um pensamento de determinada época, sendo fixos nesse sentido. Guardam o passado em virtude do valor histórico-temporal atribuído. Mas, para fazerem sentido no presente e no futuro, é preciso que haja diálogo com o mundo contemporâneo, permitindo seu constante – e necessário – ressignificado e usufruto da humanidade para o qual foi destinado.

Consideram-se patrimônio cultural os bens que expressam e revelam a memória e a identidade cultural dos povos. Possui valor histórico, artístico, científico e/ou simbólico. Pode

ser de natureza material e imaterial e é formado por bens móveis e imóveis. O patrimônio cultural é matéria-prima, é um tesouro, é inspiração! Valorizá-lo significa reconhecer a sabedoria e a evolução humana em épocas e condições socioculturais distintas, é perceber a diversidade, a beleza e a complexidade das relações humanas da qual somos formados.

Como mecanismo facilitador do rico diálogo entre o passado e o presente, tendo o patrimônio cultural da humanidade como elo de ligação, existe a Educação Patrimonial: por meio do contato direto com o patrimônio, seus múltiplos aspectos, sentidos e manifestações, estimulam-se crianças, jovens e adultos a um “processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capaci-

tando-os para um melhor usufruto desses bens e propiciando a geração e produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural”, como diz Maria de Lourdes Pereira Horta. Trata-se de exercitar o olhar, de estimular uma observação crítica, consciente e curiosa para os bens culturais e para o mundo que nos rodeia. Olhar, pensar, questionar, respeitar. A educação e a arte, como práticas de criação e de liberdade, permanecem sendo poderosos instrumentos de diálogo, de reflexão, de consciência e de cidadania.

E Brasília enquanto Patrimônio Cultural da Humanidade? Mais do que arquitetura, urbanismo, artes, paisagem e política, que patrimônio é esse? Que relações percebo? Como me comporto aqui? O que sinto? Como posso usar esse espaço? Para

valorizar o legado patrimonial de Brasília, é preciso entender a(s) cidade(s) como um processo, não como um fim. E, ainda mais, perceber-se parte desse processo, tão recente quanto intenso. É preciso vivenciar o patrimônio e fazer uma releitura do seu significado e uso. Para tanto, a educação patrimonial é uma importante ferramenta, pois provoca o cidadão a ler essa herança em seu contexto atual, conhecendo a origem e fazendo links com o agora, aproximando-o de seu próprio bem e estimulando a apreciação e a identidade cultural.

Em um momento em que a modernidade devora a memória, é fundamental que a educação patrimonial seja inserida na prática pedagógica do ensino formal. A cidade é um espaço educativo, e ensinar a ler deve abranger a leitura do mundo ao nosso redor, em toda sua diversidade. Essa leitura, tendo o patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento, possibilita abranger a compreensão do universo sociocultural e histórico-temporal em que estamos inseridos. E, mais, possibilita que sigamos em processo criativo no movimento pela cidade, com a cidade, que pulsa, que pensa, que transforma.

FUNDADA NO ANO 2000, A Triade Patrimônio Turismo Educação recebeu o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, concedido pelo Ministério da Cultura e pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN), em reconhecimento ao trabalho de educação patrimonial que realiza junto às comunidades educativas.

→ Leia mais no www.triadepatrimonio.com.br



BRASÍLIA REBELDE

LARA HELENA, 16 (CEM SETOR OESTE), LUIZA REIS, 16 (COLÉGIO DROMOS), ROGÉRIO MIRANDA, 16 (CEM STELLA DOS CHERUBINS DE PLANALTINA), E IONARA TALITA SILVA, DA EQUIPE RADCAL

FOTOS PEDRO CAMARGO

Desde quando foi concebida, a capital modernista destacou-se por atitudes de inconformismo. Hoje, a cidade respira a contemporaneidade e segue firme e forte no seu propósito de inventar. Sempre.



• Rebeldia

Atitude de não se conformar. Reagir, resistir, questionar. Desobedecer.

Brasília, por si só, já é considerada um ato de **rebeldia**. Não estamos falando de rebeldia injustificada, isto é, sem causa. Mudar a capital do litoral para o centro do Brasil, construindo-a em menos de cinco anos, e romper os modelos convencionais de arquitetura, partindo para estruturas modernas completamente inovadoras, são traços característicos de uma cidade imponente e vanguardista que assumiu a postura de mudar a política nacional e transformou, de fato, a história do país.

A nova capital da República já se mostra inovadora em todos os aspectos. Na década de 1960, Brasília abre os olhos. As pessoas que migraram de várias partes do país acreditavam que, ao ajudar a construir a cidade, teriam qualidade de vida, emprego e moradia. Infelizmente, as coisas não aconteceram exatamente como prometido aos **candangos**. Não sabemos se isso ocorreu por falta de vontade

política, ou se os responsáveis pela construção se esqueceram de que todos candangos, homens e mulheres, se negariam a voltar para suas terras de “mãos abanando”.

A cidade havia sido planejada para ser residência da elite política e econômica, mas os candangos fincaram os pés nos arredores da nova capital, criando, assim, o que chamamos hoje de cidades-satélites. Ainda na década de 1960, a ditadura militar foi instaurada e o país passou por um de seus períodos mais dolorosos. Um dos símbolos de possível ameaça ao regime militar era a Universidade de Brasília. Por isso, ela passou a ser um alvo. A universidade foi invadida em 1968, líderes estudantis foram presos, rebeldes foram humilhados e feridos.

Na década de 1980, Brasília vive o boom do rock. A geração comandada por Renato Russo entra em cena para protestar contra as medi-

• Candangos

Nome dado aos trabalhadores de várias regiões que ajudaram a construir Brasília. A galera brasiliense também é chamada de Candango.

• Impeachment

Expressão inglesa que significa processo de cassação do mandato político, impedimento ou retirada do cargo de um chefe do Poder Executivo.

das de emergência decretadas pelo regime militar. O nome da primeira banda de Renato, Aborto Elétrico, é uma referência a uma mulher grávida, atingida por um golpe de cassetete durante um protesto. Não é de se admirar que o cenário musical da década de 1980 na capital seja altamente politizado, exalando a essência rebelde da capital. As contradições da cidade são escancaradas em letras como “Metrópole”, “Perfeição”, “Fábrica”, “Geração Coca-Cola”, “Que país é esse?” e “Tédio com um T bem grande pra você”, da Legião Urbana. Quem nunca cantou pelo menos uma dessas músicas? Brasília transformava-se em cenário de um “Faroeste Caboclo”.

Já na década de 1990, um ato de rebeldia internacionalmente conhecido toma conta das ruas. Eram os **caras-pintadas**. A pressão popular, ainda que influenciada pelos grandes barões da comunicação, levou o então Presidente da República,

Fernando Collor de Mello – acusado de desviar dinheiro público – ao **impeachment**. Ponto para a democracia. Eis que surgem grupos dos mais variados estilos musicais, com destaque para o grupo Câmbio Negro, o primeiro a ter coragem e audácia de tocar com uma banda quando o rap nacional ainda era apenas MC e DJ. O grupo tornou nacional a discussão sobre opressão, preconceito racial e segregação social. Era a música representando a periferia.

Nos anos 2000, os estudantes brasileiros mostraram-se rebeldes, principalmente em dois momentos-chave: as saídas do então reitor da UnB, Timothy Mulholland, em 2008, envolvido em acusações de improbidade administrativa, e do governador José Roberto Arruda, em 2010, enredado em um escandaloso esquema de propina. Ambos só renunciaram a seus cargos graças à pressão dos estudantes indignados com os descalabros oficiais.

Na música, destacam-se hoje no cenário nacional nomes como o rapper Gog, a cantora Ellen Oléria, o músico Rapadura, a banda Móveis Coloniais de Acaju, entre tantos outros que, de forma inventiva, estão sacudindo poeticamente os palcos de vários cantos do país. Isso sem falar da música eletrônica. A cidade é berço de DJs tops de linha como DJ Celsão, DJ A, Killa, Ocimar e Dog Daia, além do produtor Rafa Santoro. Por último, uma reverência aos DJs Tiago Pezão e Rodrigo Barata do Criolina, reconhecidos internacionalmente por defender a música afro-brasileira e latina, desde suas raízes até as misturas modernas.

Os caras já tocaram nas principais baladas do Brasil e do mundo.

Cabe a nós, jovens do século 21, tachados de geração do comodismo, honrar as nossas raízes rebeldes. Rebelia com consciência, com desejo de construir uma sociedade melhor e mais justa para todos.

• Caras-pintadas

Movimento que balançou o Brasil em 1992. Estudantes foram às ruas para exigir o *impeachment* do Presidente Fernando Collor de Mello. Manifestações e passeatas rolaram por todo o país. A maior delas reuniu 750 mil pessoas em São Paulo.



A UnB ERA UM PROJETO DE CIVILIZAÇÃO

SEVERINO FRANCISCO

“É preciso criar uma universidade na capital modernista, para não permitir que Brasília crescesse chucra, haurindo nas pastagens de Goiás, por falta de universidade”. Era com essa blague que o antropólogo bem-humorado e visionário Darcy Ribeiro defendia a criação da Universidade de Brasília. E tanto lutou que conseguiu a oportunidade de conceber uma universidade à altura da ousadia política e estética da capital moderna. Em todos os lugares do mundo, a universidade é expressão da riqueza e do desenvolvimento social. Na contramão, Darcy concebeu uma universidade experimental que contribuísse para a solução dos problemas do subdesenvolvimento. Só se faz sábios com outros sábios, acreditava Darcy.

E, por isso, ele trouxe a Brasília uma constelação formada pelas 300 cabeças mais brilhantes e inquietas do país para compor a equipe de professores. Imagine você ir para a universidade e ter aulas especiais com Oscar Niemeyer, Athos Bulcão, Paulo Emílio Salles Gomes, Darcy Ribeiro, Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos ou Rogério Duprat? O músico Guilherme Vaz, autor de trilhas sonoras premiadas em inúmeros festivais, era um desses alunos privilegiados da UnB em seu projeto original, no início da explosiva década de 1960, marcada por revoluções minuto a minuto.

Para Guilherme, um dos principais aspectos que distinguiram a UnB como projeto original na história da educação brasileira foi a transversalidade, ou seja, a capacidade de ligar disciplinas aparentemente distantes,

desconexas, superando estas aparências. Isso era realizado com precisão didática no chamado Curso Tronco. Nele, os alunos tinham que cursar, nos dois primeiros anos, matérias que abrangiam todas as áreas do conhecimento eleito. Só depois eles seguiriam na especialização de sua escolha. “Certamente, isso apontaria para um talento transversal já presente na cultura brasileira, como ‘uma origem do pensar’, o que por seu lado colocaria esta cultura, surpreendentemente, na ponta do mundo contemporâneo”, enfatiza Guilherme.

Ele cita como fontes de inspiração para o projeto da UnB os nomes dos cientistas sociais Gilberto Freyre (a transversalidade) e Joaquim Nabuco (a abolição) como referências fundamentais para o projeto da UnB. A UnB seria um ponto de adensamento, uma ponta de flecha, que condensaria todo o pensamento brasileiro progressista: “Quantas coisas não devem ser abolidas no Brasil!”, provoca Guilherme: “A especialização burra é uma delas; os compartimentos estanques e a produção em série de ‘seres para o mercado’, como peças sem nenhuma consciência de si próprias e sem saber onde vivem, são outras. A ‘arquitetura do nada’ onde os espaços oprimem e nulificam. Porque o espaço é um mestre e eu aprendi isso na UnB”.

A UnB representava, e de certa forma representa por precedência histórica, o projeto modernista brasileiro chamado Brasília, sustenta Guilherme: “Em certo sentido, ele é tão amplo que supera o próprio projeto de cidade, tornando-se algo muito maior: o projeto de uma civilização. É parte dela, de uma cidade, mas não se reduz a isso, ou a ela. A dife-



rença da UnB do projeto original e a de hoje é que aqueles professores eram construtores de uma civilização, e não apenas desfrutantes dela. Nada era abstrato: eu assisti a aulas de Oscar Niemeyer em que ele desenhava tudo o que falava”.

A revolucionária experiência do projeto original da UnB foi atropelada pelo regime de exceção instaurado pelo regime militar a partir de 1964. No fatídico ano de 1968, os quase 300 professores que Darcy havia trazido ao planalto pediram demissão em protesto contra as invasões do campus desfechadas pelos militares. Darcy chegou a dizer que a UnB era uma filha desencaminhada na vida. Mas Guilherme acredita que, apesar do atropelamento da história, o projeto original da UnB é um permanente e rico legado para se pensar em uma melhor civilização tropical do futuro em todos os sentidos: “A UnB é a mais singular universidade brasileira desde a sua fundação. Só os medíocres acreditam que é possível apagar uma história tão magnífica como se fosse algo feito com giz”.

Quem são eles?

1 GILBERTO FREYRE escritor, antropólogo, historiador e sociólogo pernambucano, autor de Casa Grande & Senzala, livro que realizou uma faxina na cabeça da intelectualidade brasileira ao defender, polemicamente, que a mistura de raças que compõe o Brasil era nossa originalidade, e não um estorvo ao desenvolvimento.

2 JOAQUIM NABUCO foi o grande líder do movimento abolicionista no Brasil. Filho de uma família pernambucana rica, dona de plantações de cana, ele se rebelou contra a sua classe, argumentando que a escravidão representava um atraso humanitário, econômico, jurídico e ecológico. E mais, em pleno século 19, ele já defendia a reforma agrária e dizia, de maneira visionária, que o problema não era abolir a escravidão, mas sim os efeitos históricos da escravidão.



EM 50 ANOS...

SARA TAUENE, 17 • CEF POMPÍLIO MARQUES DE SOUZA, PLANALTINA, DF

Ano de 2060. O céu já não é mais o mesmo. O asfalto, onde antes era terra vermelha, contrasta com o céu escuro, herança deixada pelos motores de milhões de automóveis que circulam por todos os lados.

Ah! O cerrado! Vivíamos em meio à maior biodiversidade do planeta. Tínhamos um tesouro em nossas mãos. Em vez de árvores retorcidas, em vez de tamanduá-bandeira e lobo-guará, o que se vê por todos os cantos são prédios, casas, shoppings, desorganização total. Resultado dos anos de especulação imobiliária conduzida por políticos inescrupulosos que só pensavam em si, esquecendo-se da importância de Brasília para o Brasil e para o mundo.

Hoje, o calor insuportável nos faz consumir dez vezes mais energia, já que para sobreviver temos que manter nosso ar-condicionado ligado 24 horas por dia.

Respirar em Brasília hoje não é para todos. A falta de umidade aumentou o número de pessoas com problemas respiratórios. Andar pelas ruas é um enorme desafio. Passar em uma faixa de pedestre é correr risco total de vida. Já não se sabe mais o significado da palavra cidadania.

Os monumentos foram postos a baixo. A Igreja Nossa Senhora de Fátima deu lugar a um complexo de lojas de luxo. O gramado central da Esplanada dos Ministérios virou um enorme estacionamento. Afinal, com tantos carros nas ruas, não dá pra ficar perdendo tempo se preocupando com o patrimônio cultural.

Vivemos no mais alto e complexo caos urbano. Brasília foi construída em cinco anos; aos 50, já não era mais a mesma; e, com mais 50, já não existe mais.

...?! Abro a janela e o céu permanece azul como antes. Ainda bem que tudo não passou de um terrível pesadelo. Temos tempo para impedir que Brasília, nosso patrimônio, seja corrompida. **Vamos à luta!**



AMOR DE CONCRETO

SILVIA GUERREIRO, 23 E MARCOS FRANÇA, 20



Ele, ela e eu. Os dois sempre se deram bem. Eu me dava muito melhor com ele... Ela era chata e monótona para mim, mas o amor que ele sentia era contagiante. E eu estava, enfim, aprendendo a amar aquela jovem menina-mulher.

Comigo não teve mesmo jeito: foi amor à primeira vista. Eu nasci e nenhuma outra, senão ela, a mais velha, me tomou nos braços e me chamou de seu. Acabou que eu cresci assim, me sentindo dela, filho de todo esse concreto que dá forma ao verde e sustenta todo aquele monte de azul. Com a mais nova, foi um pouco diferente. Foi amor, também, mas não à primeira vista. Foi amor à primeira conversa.

A gente vivia num papo intenso. Aquele lance de querer saber tudo, de conhecer a alma da pessoa. A gente era imbatível. Ela, ele e eu.

E foi assim. Nos amamos de graça, de cara, nós três. Não que as duas fossem grandes amigas, claro. Toleravam-se. Até porque não tinham escolha, uma era a casa da outra e mesmo esta outra não tinha outra casa que não fosse aquela. Eu, que amava tanto e com tanta força cada uma das duas, sentenciei: se abracem. E como um bom ventríloquo, juntei aqueles dois corpos, quase à força: carne, osso e concreto entre os meus abraços, uma nos braços da outra. Completamente desconfortáveis, eu preciso admitir. Mas foi aí e assim que tudo mudou.

Resolvi ser educada e participar da sua festa de aniversário. Ela completou 50 anos, uma data importante...

Um marco na vida de toda mulher. Ela, gentil, deixou que eu ficasse com o melhor presente: uma caixa-nha de música que tocava Porcelain, do Moby. Poucos mais de três minutos que não duraram menos que a eternidade.

Eu não acreditava: olhava no relógio e só havia se passado três minutos e sete - oito - nove - dez segundos. Não podia ser, a menos que o relógio - não, o tempo! - tivesse parado naquele momento, simplesmente esquecido de passar. O céu parecia uma travessa de porcelana, uma pérola negra cravejada com três ou quatro tímidas estrelinhas, colocadas a dedo na escuridão.

Nós três e em completa sintonia. Não de mãos, mas de corações dados uns para os outros.

De olhos fechados, respiração ofegante, nos beijamos. Nós três.

O mais alto grau de excitação dos sentidos ou de um órgão; o ápice do ato sexual. Para um dicionário, isso é gozar. Para outro, chegar ao orgasmo é como uma efervescência de sentimentos, excitação incontrolável do espírito que se pode manifestar em reações físicas. Para nós, foi tudo isso. Tudo isso e um pouco mais.

Muito, muito mais. Aquele concreto roçava em mim me fazendo arrepiar. As mãos fortes dele me puxavam pelos cabelos com força para si. A boca de nossas almas se tocando, nossos corpos se esfregando em meio à escuridão das luzes que coloriam o azul cor de luar.

As pernas bambas, meu corpo se contorcendo inteiro de prazer. Me faltava o ar e eu mal conseguia respirar. Ela, eu, a outra entre nós dois, nós dois dentro dela, as duas completamente dentro de mim.

Sentia que naquela noite Brasília também me amava. Dançamos juntas, rosto e coração colado. Quando fechei os olhos pra ouvir melhor ela disse: desculpa se eu não te dou tudo que você deseja.

“Desculpada”, escutei baixinho. Afinal, ela realmente se esforçava. Ficamos lá, nós dois abraçados dentro dela por mais alguns instantes. Recuperando o fôlego, sem saber exatamente o que dizer, sem conseguir sequer verbalizar.

Eu, que nunca havia dito eu te amo, o fiz com o coração. Ela, com seu vestido preto de festa intacto, respondeu com seu abraço seco. Completamente amassada, ajeitei o cabelo, abotoei meu vestido enquanto ele fechava o zíper da calça. Não era nossa primeira vez, mas nenhum de nós havia experimentado algo sequer parecido antes. Paixão e constrangimento no ar. Sorrimos. Ela, ele e eu.

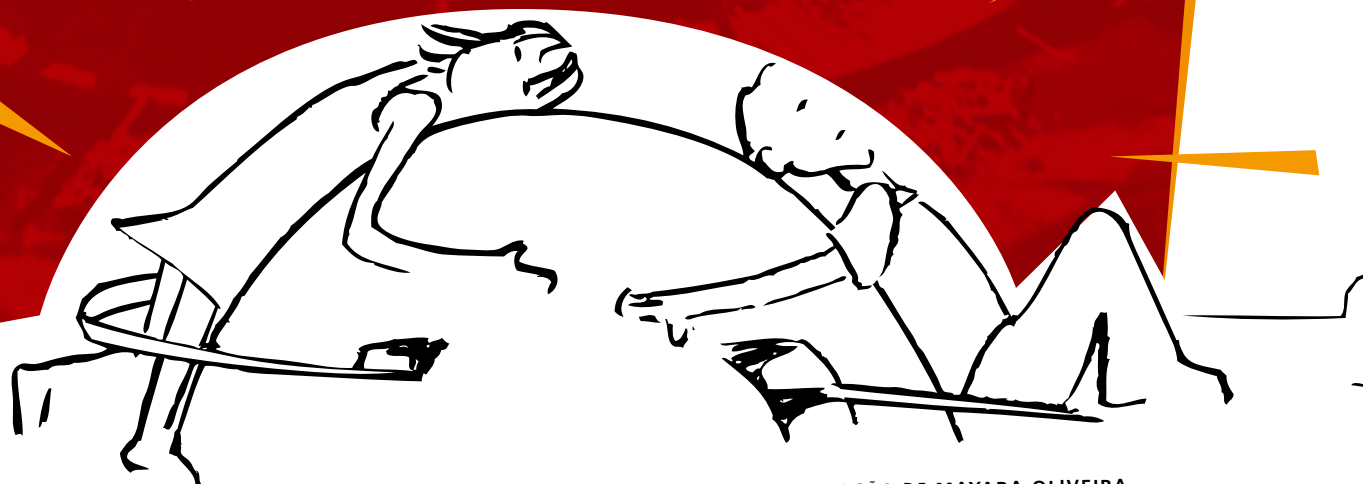


ILUSTRAÇÃO DE MAYARA OLIVEIRA